



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR FINANCEIRO DOS IDOSOS: IMPACTOS DA PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO E DA PREPARAÇÃO FINANCEIRA PARA APOSENTADORIA

TAIANE KEILA MATHEIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

TAMARA OTILIA AMARAL ROSENBLUM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

KELMARA MENDES VIEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

AURELIANO ANGEL BRESSAN

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

ANI CAROLINE GRIGION POTRICH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR FINANCEIRO DOS IDOSOS: IMPACTOS DA PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO E DA PREPARAÇÃO FINANCEIRA PARA APOSENTADORIA

INTRODUÇÃO

Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU) (2019), o envelhecimento populacional mundial irá se tornar a transformação social mais significativa do século. Estima-se que a quantidade de pessoas com 60 anos ou mais, em escala mundial, duplique até 2050, ou seja, existirão 2,1 milhões de idosos, ocasionando pela primeira vez na história a existência de mais idosos do que menores de 15 anos (ONU, 2002). Neste cenário, o idoso está sendo pauta das políticas públicas não somente por sua expressividade em tamanho populacional (Barbabella et al., 2022; Issac et al., 2021), mas também pela mudança econômica provocada pelo advento da aposentadoria no cenário familiar (Santos et al., 2021; Tambellini, 2021).

O idoso, antes passivo na economia, vem se tornando público-alvo das políticas de crédito, muitas vezes executadas de modo irresponsável (De Souza & Moretto, 2014). Dessa forma, a oferta de novos produtos e serviços financeiros está em crescente ampliação desde os anos 2000, todavia o nível apropriado de propensão ao endividamento deixou de ser somente dos órgãos financeiros reguladores e passou a ser também do próprio tomador de crédito, incidindo no grupo de maior idade (Collins & Urban, 2020; Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE], 2016).

O descontrole na utilização do crédito e a incapacidade de poupança podem vir a impactar também na preparação para a aposentadoria (Lusardi & Tufano, 2009; Lusardi & Mitchell, 2014). A preparação para aposentadoria (PA) é influenciada por diversos fatores como a saúde (James et al., 2012), em que indivíduos mais saudáveis e com boa saúde tendem a melhor tomada de decisão na reserva de investimentos a longo prazo. Outro influenciador é o estado civil (Jung & Shin, 2018) casais após a criação dos filhos ficam mais focados em planejar o futuro para a aposentadoria. Além desses, a educação financeira (Lusardi & Mitchell, 2007) impacta positivamente na PA, visto que o conhecimento financeiro apoia no controle de gastos e em uma decisão mais adequada de investimentos, impactando positivamente a PA. Também influente na PA é a renda (Hansson et al., 2019; Kim, 2020), pois proporciona a independência econômica na velhice, caso o idoso torne-se dependente financeiramente ocorre o efeito negativo na vida em geral deste e na composição do lar (Lusardi et al., 2020).

Problemática relevante quanto à preparação para a aposentadoria é a ausência de poupança, existem evidências de que os mais velhos não possuem reservas financeiras suficientes para viver uma vida plena neste período da vida (Chan et al., 2021; Lusardi et al., 2020). As dívidas acumuladas durante os estágios do ciclo de vida e os recursos monetários obtidos ao longo da vida de uma pessoa definem as suas condições para aposentadoria (Hansson et al., 2019; Hsieh, 2001), podendo afetar sua qualidade de vida e sua saúde mental. Situações de estresse financeiro, sejam estes ocasionados pelo próprio indivíduo, gerado pela administração inadequada dos seus recursos financeiros ou por medidas governamentais, pioram a percepção de saúde, qualidade de vida (Hansson et al., 2019; Kim, 2020) e impactam no bem-estar financeiro (BEF) (De Bruijn & Antonides, 2020; Hansson et al., 2019).

Neste sentido, o BEF foi definido pelo *Consumer Financial Protection Bureau* (CFPB) como um estado em que o indivíduo possa cumprir suas obrigações financeiras atuais e em curso, com confiança em seu futuro e capaz de escolhas que o permitem desfrutar da vida (CFPB, 2015). Neste contexto, onde o bem-estar financeiro é permeado por decisões que objetivam aproveitar a vida com credibilidade no futuro, vislumbra-se o possível impacto positivo da preparação para aposentadoria no nível de bem-estar financeiro.

Contudo, considerando os reflexos que o endividamento e a preparação para aposentadoria trazem para a economia (Collins & Urban, 2020; De Bruijn & Antonides, 2020) e no nível de BEF (Danisman et al., 2020; De Bruijn & Antonides, 2020), o objetivo deste trabalho é desenvolver um modelo para análise dos impactos da preparação financeira para aposentadoria e a propensão ao endividamento sobre o nível de bem-estar financeiro dos indivíduos idosos.

Compreender o impacto do endividamento e da preparação financeira para aposentadoria na percepção de bem-estar financeiro sob a ótica do indivíduo idoso, sendo ele aposentado ou não, é uma oportunidade para contribuir com o debate e com o avanço teórico sobre os três pilares desta pesquisa (BEF, PE e PA). A mensuração do impacto dos construtos endividamento e preparação financeira para aposentadoria pode ser útil em diversos aspectos, como, por exemplo, apoiar na formulação de políticas públicas direcionadas ao público considerado vulnerável, como o idoso, além de fornecer informações relevantes para comparação entre países.

Neste cenário, esta pesquisa inova em pelo menos quatro aspectos. Primeiro devido ao público-alvo ser de idosos em um país em desenvolvimento. Segundo por avaliar a percepção de bem-estar financeiro nesse público. Terceiro por ser pioneiro em associar percepção de bem-estar financeiro aos construtos preparação financeira para aposentadoria e propensão ao endividamento. E quarto, por construir uma escala de preparação financeira para aposentadoria.

DESENVOLVIMENTO DO MODELO TEÓRICO

Nessa pesquisa existe um tema central a ser estudado: a percepção de bem-estar financeiro (BEF) e outros dois fatores comportamentais como antecedentes: propensão ao endividamento e preparação financeira para aposentadoria.

O nível de propensão ao endividamento tornou-se um tema latente ao redor do mundo entre os formuladores de políticas públicas (Foster et al., 2019), tendo em vista que a gestão inadequada de recursos financeiros e hábitos de consumo excessivos influenciam todo o mercado financeiro e a economia de um país (Fan et al., 2021). Desse modo, Azma et al. (2019), identificaram que a propensão ao endividamento está relacionada ao consumo dos indivíduos, e quando se torna um comportamento inadequado em proporção à renda, é maléfico para o nível de bem-estar.

À luz dessa concepção, onde o endividamento é definido pela tomada de crédito superior a capacidade de pagamento (Lusardi & Tufano, 2009), a compreensão dos fatores que influenciam a atitude e a propensão ao endividamento ganham importância (Neto et al., 2017). Entre estes fatores, o cenário previdenciário mudou ao longo dos anos, trazendo para o indivíduo uma maior responsabilidade sobre a quantidade de valores que terá na aposentadoria (Suh, 2021). Os aspectos comportamentais e as características do próprio sujeito influenciam na gestão dos recursos financeiros (Flores & Vieira, 2014; Kahneman & Tversky, 1984; Vitt, 2004). Achados sobre o comportamento de consumo concluem que a impulsividade por si só não gera um baixo BEF, este comportamento precisa ser repetitivo, ocasionando a acumulação de dívidas e a ruína da vida pessoal (Abrantes Braga & Veludo de Oliveira, 2020). Corroborando Norvilitis et al. (2006) concluíram que a quantidade de cartões de crédito contribuí para essa ilusão de renda e acúmulo de dívidas, levando a uma perda de bem-estar financeiro. Com base nesses estudos há indícios de que quanto maior o nível de propensão ao endividamento, menor será o nível de bem-estar financeiro. Portanto a primeira hipótese da pesquisa é:

HIPÓTESE UM (H1): *A propensão ao endividamento impacta negativamente na percepção de Bem-estar financeiro.*

A concepção da aposentadoria está fundamentada no conceito de que todo cidadão, independente da sua vida profissional, possui o direito adquirido a uma renda substituta no

momento em que sua força de trabalho diminui (Marques & Euzéby, 2005). Todavia, conforme Foster et al. (2019) a provisão da aposentadoria é o reflexo do histórico de emprego e de remuneração do indivíduo, ou seja, a baixa renda dentre os aposentados é o resultado de empregos mal remunerados que permanecem contribuindo para desigualdade de renda. Neste sentido, Marques e Euzéby (2005) enfatizam que o valor da aposentadoria é a percepção da sociedade sobre qual montante é adequado para o idoso viver com dignidade.

Desta forma, Han et al. (2019) definem a preparação para aposentadoria (PA) como um projeto de vida que visa manter o estilo de consumo do indivíduo em um nível semelhante ao que possui antes e após a aposentadoria. Complementando, Tambellini (2021) identificou que a situação econômica é um preditor crucial para o bem-estar geral após aposentadoria. Nesse contexto, a preparação para a aposentadoria pode ser definida como o desenvolvimento de expectativas e planos realizados por trabalhadores no intuito de organizarem suas vidas com propósitos para a futura aposentadoria (Ekerdt et al., 2000; Zaniboni et al., 2010). Niu et al. (2020), destacam que os indivíduos nos países em desenvolvimento se preparam financeiramente de maneira inadequada para aposentadoria. Este comportamento está embasado na falta de instrução financeira para escolha dos produtos, impactando de forma negativa no bem-estar financeiro na aposentadoria.

Todavia, Arber et al. (2014) alertam que todas as relações que tangem a satisfação com a vida necessitam estar englobadas na mensuração de BEF, não somente o fator monetário, seja esta renda advinda da aposentadoria ou não. Além disso, Drever et al. (2015) destacam que o bem-estar financeiro engloba também a administração adequada dos recursos, bem como possui peculiaridades e características variadas. Neste cenário, algumas das definições de BEF envolvem conceitos como a percepção de ser capaz de manter o padrão de vida desejado com liberdade financeira (Brüggen et al., 2017) e o relacionam ao bem-estar social e pessoal (Xue et al., 2020). Não obstante, o *Consumer Financial Protection Bureau* (CFPB, 2015) realizou um apanhado desses conceitos, construindo quatro comportamentos que o indivíduo deve ter para alcançar o bem-estar financeiro, sendo estes: controle sobre as finanças do dia a dia, capacidade para absorver instabilidades financeiras, estar no caminho correto para atingir seus objetivos financeiros e ter liberdade financeira para realizar escolhas que o possibilitam desfrutar da vida.

Em comparação o *Center Financial Services Innovation* (CFSI, 2018) definiu três comportamentos que provavelmente irão garantir a segurança financeira atual e futura do indivíduo, são eles: a gestão adequada e eficaz dos recursos financeiros no cotidiano, resiliência para os altos e baixos da vida e capacidade de apreciar as oportunidades que levam o indivíduo à segurança financeira futura e atual. Assim, tem-se a relação: quanto maior o nível de preparação financeira para aposentadoria, maior será o nível de bem-estar financeiro. A seguir será apresentada a segunda hipótese de pesquisa:

HIPÓTESE DOIS (H2): *A preparação financeira para aposentadoria impacta positivamente na percepção de bem-estar financeiro.*

A teoria do Ciclo de Vida de Modigliani-Brumberg ([MB] (1954) versa sobre o propósito de economizar; isto é, a possibilidade de redistribuição dos recursos financeiros que obtém ou espera obter ao longo da sua existência (Modigliani & Ando, 1957). Todavia, quanto maior a expectativa de vida, maior deverá ser a economia realizada nas fases que antecedem a aposentadoria, para que o indivíduo consiga redistribuir os recursos de forma satisfatória.

Contribuindo com este raciocínio, Vitt (2004) relaciona as finanças pessoais com o planejamento para aposentadoria, abordando sobre a gestão adequada dos recursos financeiros e das dívidas assumidas, visto que ambas quando não realizadas de forma apropriada, possuem um reflexo negativo no planejamento da aposentadoria. Ou seja, é necessário economizar para realizar poupança para suprir a demanda de consumo do indivíduo durante a aposentadoria, além de realizar escolhas de investimentos de forma sábia, sendo oportuno não estar endividado

de maneira excessiva. Assim, Fan et al. (2021) chegaram à conclusão de que quanto maior o nível de endividamento, ou fragilidade financeira, menor é a probabilidade do indivíduo equacionar de maneira correta as necessidades financeiras para aposentadoria. Com base neste panorama tem-se terceira hipótese:

HIPÓTESE TRÊS (H3): *A propensão ao endividamento impacta negativamente na preparação financeira para aposentadoria.*

A união das hipóteses relacionadas anteriormente com os construtos correspondentes para mensuração de cada dimensão resulta na construção do modelo proposto, apresentado na Figura 1.

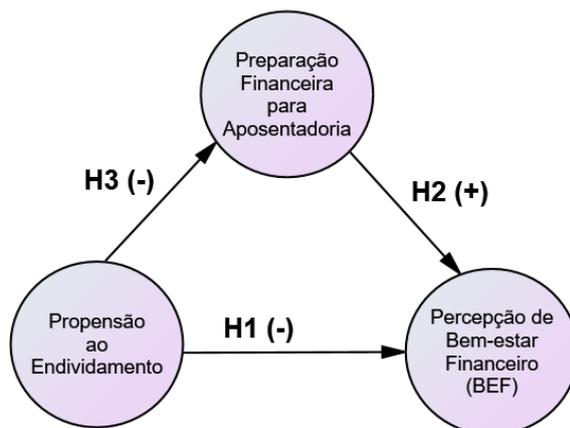


Figura 1 - Modelo teórico proposto e suas respectivas hipóteses (H)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Assim, o modelo teórico de pesquisa, representado na Figura 1, estabelece três hipóteses. Sendo as hipóteses “H1” e “H3” relativas ao impacto negativo da propensão ao endividamento (PE) sobre a percepção de bem-estar financeiro (BEF) e a preparação financeira para aposentadoria (PA). Já a hipótese “H2”, indica que a preparação financeira para aposentadoria impacta positivamente o nível de percepção de bem-estar financeiro.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa do tipo *survey*. A população alvo da pesquisa foram cidadãos com idade igual ou superior a 60 anos de idade, residentes no Brasil e obteve-se uma amostra de 885 idosos. A pesquisa foi aplicada presencialmente e atendendo aos preceitos éticos os respondentes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O instrumento para realização da pesquisa foi composto de quatro seções principais, com questões de múltipla escolha que objetivam mapear o perfil do indivíduo, além de questões do tipo *likert*, para mensuração dos três construtos: preparação financeira para aposentadoria, percepção de bem-estar financeiro (BEF) e propensão ao endividamento.

A percepção de bem-estar financeiro (BEF), construto central deste estudo, foi mensurada através da escala de percepção de bem-estar financeiro (PBEF), a qual é formada por quatro dimensões: satisfação com a gestão financeira, liberdade financeira, tranquilidade financeira e segurança financeiro futura. As dimensões apresentam afirmações sobre cada um dos temas, sendo questões do tipo *likert* de cinco pontos, onde: 1- Nunca, 2 – Raramente, 3 – Às vezes, 4 – Frequentemente e 5 – Sempre. Desta forma, quando maior for a frequência assinalada, maior será o seu nível de percepção de bem-estar financeiro. A PBEF possui o intuito de captar o estado em que o indivíduo se encontra seguro, tranquilo e realizado com as suas finanças atuais e em curso, visando à liberdade para desfrutar da vida.

Para mensurar a preparação financeira para aposentadoria, os autores desenvolveram nove questões do tipo *likert*, diferenciando o tempo verbal para os sujeitos já aposentados e não aposentados. As alternativas foram construídas em uma escala de cinco pontos, sendo “1” Nunca e “5” Sempre. Quanto maior for a pontuação maior será ou foi sua preparação financeira para aposentadoria.

Para a propensão ao endividamento, foi utilizada a escala *Risk Indebtedness Behaviour*, de Abrantes Braga e Veludo de Oliveira (2019, 2020). Neste construto foi também utilizada uma escala tipo *likert*, onde “1” Discordo Totalmente, “2” Discordo, “3” Indiferente, “4” Concordo e “5” Concordo Totalmente. Os entrevistados foram instruídos a marcar o quanto a afirmação apresentada se adequava a sua realidade. Sendo que quando maior for a pontuação maior é propensão ao endividamento.

A última seção é relativa às questões de perfil e renda. O instrumento passou pela avaliação de conteúdo de seis profissionais de referência na área, além de um pré-teste com dez indivíduos de diferentes níveis educacionais.

Para estimação do modelo teórico foi utilizada a Modelagem de Equações Estruturais (MEE). Todavia, iniciou-se com a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com o objetivo de realizar a validação dos construtos, através da validade convergente, confiabilidade, unidimensionalidade e validade discriminante. Para mensuração da validade convergente foram utilizados os índices de ajustes absolutos: estatística *qui-quadrado* (χ^2), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), além dos índices de ajustes comparativos: *Comparative Fit Index* (CFI), *Normed Fit Index* (NFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI). Para análise do *qui-quadrado*/graus de liberdade sugere-se valores abaixo de cinco. Para os demais índices: CFI, NFI, TLI, as recomendações são maiores do que 0,950, todavia, na literatura não há um consenso entre os valores aceitáveis, visto que alguns autores citam que resultados iguais ou superiores de 0,900 são admissíveis; para os valores de RMSEA, o recomendável é abaixo de 0,060 (Byrne, 2010; Hair et al., 2014; Hooper et al., 2008; Kline, 2015). A validade discriminante para ser satisfatória deve ter como resultado o critério, sugerido por Kline (2015) que é quando a correlação entre os construtos for menor do que 0,85.

Com a finalidade de testar a unidimensionalidade, foram observados os resíduos padronizados. Construtos que apresentaram resíduos padronizados inferiores a 2,58 foram considerados unidimensionais (Hair et al., 2014). Depois de efetuados os procedimentos para o ajuste do modelo, foram mensurados a Confiabilidade Composta e o Alpha de Cronbach dos construtos para avaliar a confiabilidade. Conforme Hair et. al. (2014) para esses índices são considerados satisfatórios resultados iguais ou superiores a 0,700.

RESULTADOS

A amostra da pesquisa foi composta por 885 indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos dos quais 706 já estão aposentados. A Tabela 1 descreve o perfil desses respondentes.

Tabela 1- Perfil dos respondentes segundo as variáveis de perfil

Variáveis	Categorias	Frequência	Porcentagem ¹
Idade	De 60 a 63 anos	245	28,39
	De 64 a 67 anos	199	23,06
	De 68 a 73 anos	208	24,10
	De 74 a 99 anos	211	24,45
Está aposentado(a)	Sim	706	79,77
	Não	179	20,23
Sexo	Masculino	422	48,28

	Feminino	452	51,72
	Solteiro(a)	132	15,00
Estado Civil	Casado(a)/Relação Estável	450	51,14
	Separado(a)	109	12,39
	Viúvo(a)	187	21,25
	Outro	2	0,23
	Branco(a)	720	81,82
Raça/Etnia	Preto(a)	69	7,84
	Pardo(a)	79	8,98
	Amarelo(a)	6	0,68
	Indígena	6	0,68
Nível de Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	359	41,03
	Ensino Fundamental	75	8,57
	Curso Técnico	32	3,66
	Ensino Médio	153	17,49
	Ensino Superior	138	15,77
	Especialização ou MBA	47	5,37
	Mestrado ou Doutorado	71	8,11
Tipo de Moradia	Própria	706	80,50
	Alugada	82	9,35
	Emprestada	55	6,27
	Financiada	20	2,28
	Até R\$ 1.100,00	128	14,75
Renda Mensal Própria Bruta	Entre R\$ 1.100,01 e R\$ 2.200,00	209	24,08
	Entre R\$ 2.200,01 e R\$ 3.300,00	174	20,05
	Entre R\$ 3.300,01 e 4.400,00	87	10,02
	Entre R\$ 4.400,01 e R\$ 5.500,00	74	8,53
	Entre R\$ 5.500,01 e R\$ 8.800,00	64	7,37
	Entre R\$ 8.800,01 e R\$ 11.000,00	52	5,99
	Entre R\$ 11.000,01 e R\$ 22.000,00	59	6,80
	Acima de R\$ 22.000,00	21	2,42
	Até R\$ 1.100,00	48	5,63
	Entre R\$ 1.100,01 e R\$ 2.200,00	157	18,43
Renda Mensal Familiar Bruta	Entre R\$ 2.200,01 e R\$ 3.300,00	162	19,01
	Entre R\$ 3.300,01 e 4.400,00	107	12,56
	Entre R\$ 4.400,01 e R\$ 5.500,00	108	12,68
	Entre R\$ 5.500,01 e R\$ 8.800,00	77	9,04
	Entre R\$ 8.800,01 e R\$ 11.000,00	67	7,86
	Entre R\$ 11.000,01 e R\$ 22.000,00	86	10,09
	Acima de R\$ 22.000,00	40	4,69
Possui crédito consignado	Não	645	73,80
	Sim	229	26,20
Com relação aos seus gastos você diria que:	Gasta mais do que ganha	149	16,95
	Gasta igual ao ganha	263	29,92
	Gasta menos do que ganha	467	53,13
Qual era/é sua ocupação?	Funcionário(a) Público(a)	232	26,58

	Empregado(a) assalariado(a)	222	25,43
	Profissional Liberal	15	1,72
	Autônomo(a)	145	16,61
	Proprietário(a) de empresa	57	6,53
	Outro	130	14,89
	Não Trabalhava	72	8,25
Possui pessoas que dependem do seu dinheiro?	Não possui	408	46,63
	Possuí	467	53,37

Nota: ¹Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao analisar o perfil dos respondentes, nota-se que 444 indivíduos pertencem à faixa etária de 60 a 67 anos, correspondendo a (51,45%), sua profissão é aposentado (a) (79,77%), do sexo feminino (51,72%), da raça/etnia branco (a) (81,82%), com curso técnico ou ensino fundamental completo ou incompleto (53,26%), possuindo moradia própria (80,50%) e renda mensal própria entre R\$ 1.100,01 e R\$ 4.400,00 (55,63%), não utiliza crédito consignado (73,80%), gasta menos do que ganha (53,13%), era ou é funcionário público (26,58%) ou empregado assalariado (25,43%) e possui pessoas que dependem do seu dinheiro (53,37%).

Na etapa seguinte foi realizada a validação dos construtos através da análise fatorial confirmatória (AFC). Os resultados do modelo inicial (MI) e com os ajustes, modelo final (MF) para os construtos preparação financeira para a aposentadoria e propensão ao endividamento são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2- Estatísticas de ajuste para os construtos preparação financeira para aposentadoria e propensão ao endividamento

Índice	Limite ¹	Aposentadoria		Endividamento	
		M.I	M.F	M.I	M.F
x^2 (value) (Chi-square)	-	706,583	0,423	54,931	14,764
x^2 (probability)	>0,050	0,000	0,515	0,000	0,002
x^2 /degrees of freedom	< 5,000	26,170	0,423	10,986	4,921
CFI - Comparative Fit Index	> 0,950	0,747	1,000	0,985	0,997
NFI - Normed Fit Index	> 0,950	0,740	1,000	0,984	0,996
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,950	0,662	1,002	0,971	0,989
RMSEA - R. M. S Error of Approximation	< 0,060	0,169	0,000	0,106	0,067
Confiabilidade composta	> 0,700	0,866		0,924	

Nota: ¹Níveis adequados para as estatísticas de ajuste com base em Hooper et al. (2008) e Hu e Bentler (1999).

Legenda: M.I = Modelo Inicial. M.F= Modelo Final

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Para atingir o modelo mais adequado foram adotadas duas medidas principais: retirada das variáveis com baixa carga fatorial e inserção de correlações entre os erros. Desta forma, foram excluídas as seguintes questões Q7, Q8, Q9, Q10 e Q16 pelo critério de baixa carga fatorial na validação individual do construto Aposentadoria. E foram inseridas correlações para Aposentadoria (e12 ↔ e11) e Endividamento (e58 ↔ e57 e e59 ↔ e58). Na sequência (Tabela 3) foram ajustados os construtos da escala de bem-estar financeiro.

Os resultados do modelo inicial indicam que o modelo é inadequado, visto que não atinge os limites sugeridos. Utilizando o mesmo critério apresentado na Tabela 2, para atingir o M.F foram retiradas as variáveis com baixa carga fatorial; BEF Segurança – Q18 e Q21; BEF Tranquilidade – Q24, Q25, Q26, Q27 e Q28; BEF Satisfação – Q44, Q46 e Q47; BEF Segurança

– Q18 e Q21. Posteriormente, foram inseridas correlações entre os erros das variáveis, sendo estas: para BEF Segurança (e23 ↔ e19 e e20 ↔ e19); BEF Liberdade (e36 ↔ e35 e e40 ↔ e39) e por fim, BEF Satisfação (e50 ↔ e49 e e49 ↔ e45). A confiabilidade composta e o Alpha de Cronbach apresentaram limites superiores ao mínimo (0,700) recomendado por Hair et. al. (2014). Os resíduos padronizados foram inferiores ao limite de 2,58 confirmando a unidimensionalidade dos construtos.

Na sequência foi calculada a validade discriminante. Conforme Kline (2015) se as correlações entre os construtos forem menores que 0,850, há validade discriminante. Neste sentido, todos os construtos apresentaram correlações abaixo do valor sugerido.

Ainda, como a mensuração de BEF é realizada com base nos construtos segurança financeira futura (segurança), tranquilidade financeira (tranquilidade), liberdade financeira (liberdade) e satisfação com a gestão financeira (satisfação) foi realizada a análise fatorial confirmatória com esses construtos formando o construto de segunda ordem. Assim, a Tabela 3 apresenta os resultados para a estimação do construto de BEF.

Tabela 3-Estatísticas de ajuste para o modelo de segunda ordem de Percepção de BEF

Índice	Limite ¹	Percepção de BEF	
		M.I	M.F
x^2 (value) (Chi-square)	-	1192,523	666,882
x^2 (probability)	>0,050	0,000	0,000
$x^2/degrees\ of\ freedom$	< 5.000	5,445	3,285
CFI - Comparative Fit Index	> 0,950	0,925	0,964
NFI - Normed Fit Index	> 0,950	0,910	0,950
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,950	0,913	0,955
RMSEA - R. M. S Error of Approximation	< 0,060	0,071	0,051
Confiabilidade composta	> 0,700		0,971

Nota: ¹Níveis adequados para as estatísticas de ajuste com base em Hooper et al. (2008) e Hu e Bentler (1999).

Legenda: M.I = Modelo Inicial. M.F= Modelo Final

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Para que o modelo de segunda ordem de Percepção de BEF alcançasse os limites desejados, foram inseridas correlações entre os erros das variáveis obedecendo ao sentido teórico. O modelo final (M.F) atingiu os índices adequados, indicando a validade do construto de segunda ordem.

Por fim, realizou-se a estimação do modelo teórico. Novamente, foram inseridas correlações entre os erros das variáveis, no intuito de melhorar o modelo final A Tabela 4 apresenta os resultados da estimação por máxima verossimilhança.

Tabela 4 - Índices de Ajuste do Modelo Teórico

Índice	Limite ¹	MEE	
		Modelo Inicial	Modelo Final
x^2 (value) (Chi-square)	-	1320,323	1233,095
x^2 (probability)	>0,050	0,000	0,000
$x^2/degrees\ of\ freedom$	< 5,000	3,063	2,908
CFI - Comparative Fit Index	> 0,950	0,953	0,957
NFI - Normed Fit Index	> 0,950	0,932	0,936
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,950	0,946	0,950
RMSEA - R. M. S Error of Approximation	< 0,060	0,480	0,460

Nota: ¹Níveis adequados para as estatísticas de ajuste com base em Hooper et al. (2008) e Hu e Bentler (1999).

Legenda: M.I = Modelo Inicial. M.F= Modelo Final

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Observa-se na Tabela 4 que após a inserção das correlações entre os erros das variáveis, obteve-se um modelo adequado. Assim a Figura 2 apresenta o modelo final.

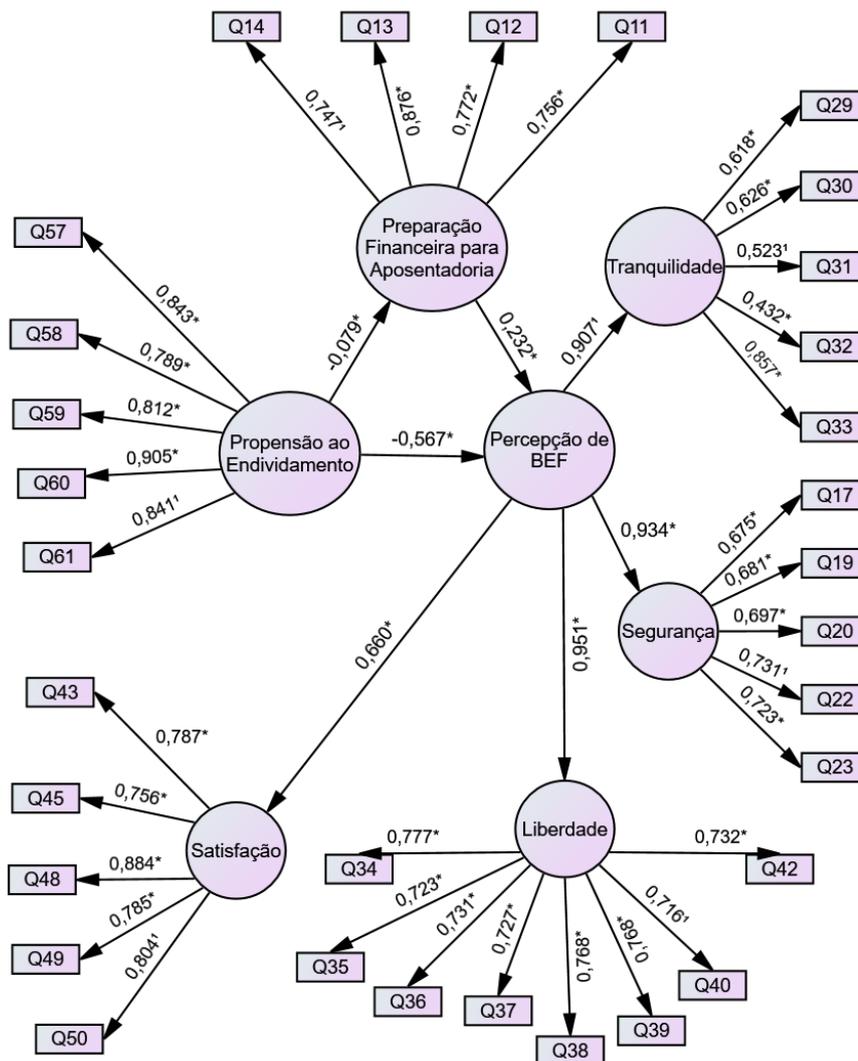


Figura 2 - Modelo final com coeficientes padronizados e significância das relações

Notas: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, pois o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Por simplicidade não foram apresentados na figura os erros e as suas respectivas correlações.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Observa-se na Figura 2 que todas as hipóteses de pesquisa foram confirmadas no desenvolvimento deste trabalho. Na primeira hipótese (H1) propensão ao endividamento tem impacto negativo (-0,567) sobre a percepção de bem-estar financeiro. Coeficiente esse achado corrobora com a teoria do superendividamento tratada por Abrantes Braga e Veludo de Oliveira

(2020) onde o acúmulo inadequado de dívidas pode afetar negativamente no bem-estar financeiro, levando as famílias a ruína (Abrantes Braga & Veludo de Oliveira, 2020).

Entre os achados da pesquisa de Xiao e Kim (2022) citam a associação entre a capacidade de aplicação de conhecimento financeiro e a redução das dificuldades financeiras, por exemplo, quando existe um agente para instruir e explicar para os seus clientes as implicações de realizar o pagamento mínimo da fatura do cartão de crédito ocorre à redução das dificuldades financeiras. Através deste cenário, vislumbra-se a importância da oferta de cartões de créditos com instruções claras de utilização. Não obstante, o conceito de cheque especial, juros compostos entre outros termos financeiros geralmente não são de fácil compreensão para o público nesta faixa etária (Lusardi et al., 2020), o que pode levá-los a assunção de dívidas sem o devido conhecimento. Ressalta-se ainda que o perfil do respondente da pesquisa é idoso com ensino fundamental completo ou incompleto. O baixo grau de instrução é outro fator que amplia a possibilidade de compreensão inadequada dos custos e características das dívidas assumidas dado que quanto maior o grau de instrução do indivíduo maior será a sua compreensão do mercado financeiro (Gathergood, 2011).

Outra questão relevante é a política de concessão de crédito consignado, ou seja, crédito com desconto em folha de pagamento. Tal crédito representa um baixo risco para as instituições financeiras e, conseqüentemente, são amplamente ofertados aos idosos aposentados. Assim, a ampla oferta e a facilidade de obtenção do crédito são fatores que estimulam o uso excessivo e muitas vezes inadequado do mesmo por esse público. Neste panorama, a distribuição de crédito sem a devida responsabilidade para o público idoso com um menor grau de instrução torna-se prejudicial para a percepção de bem-estar financeiro. Formuladores de políticas públicas necessitam destinar atenção especial para o desenvolvimento de leis e regulamentos para que as empresas ofertem o crédito somente após uma análise rigorosa do perfil do tomador. Sendo um crédito de alto interesse para o sistema financeiro, a responsabilidade sobre a definição de limites máximos permitidos para esse tipo de empréstimo deve ser analisada sistematicamente pelos órgãos reguladores, uma vez que o comprometimento de grande parte da renda dos idosos no longo prazo pode levar a dificuldades sustentação das despesas básicas e perdas significativas de bem-estar financeiro.

Sobre a segunda hipótese (H2), o resultado confirma que quanto maior o nível de preparação financeira para aposentadoria, maior é o nível de percepção de bem-estar financeiro. Os resultados obtidos colaboram com os achados de Bressan et al. (2013) que indicam que os indivíduos que realizaram investimentos financeiros para o futuro, ou seja, se preparam para aposentadoria, apresentam um maior nível de percepção de bem-estar. Assim, a falta de economias para a fase de aposentadoria possui implicações sociais importantes, visto que o Estado torna-se o principal provedor de bem-estar, especialmente nas classes de renda mais baixas, onde os programas de seguridade social, como, por exemplo, a aposentadoria torna-se a única fonte de renda (Comelli, 2021).

Num cenário com pouca ou nenhuma preparação financeira para a aposentadoria, o incentivo através de campanhas publicitárias para que o usuário se inscreva nos programas gratuitos de preparação para aposentadoria (Lusardi & Mitchell, 2011) seria uma medida importante para preparar o indivíduo para administrar seus recursos financeiros de maneira adequada para usufruir de bem-estar financeiro nesta fase do ciclo da vida.

Na última hipótese (H3) tem-se a confirmação da relação negativa entre propensão ao endividamento e preparação financeira para aposentadoria. Conforme Fan et al. (2021) no ano de 2020, houve o aumento da taxa de pobreza no mundo devido à pandemia COVID-19, com isso diversas famílias passaram por problemas financeiros deixando evidente a necessidade de programas governamentais que incentivam economizar para o futuro. Neste sentido, pesquisas com idosos americanos identificaram um aumento da vulnerabilidade financeira dos idosos que estão mais próximos da aposentadoria, entre as causas está o aumento da oferta de crédito e da

taxa de juros que tornou o futuro idoso à beira da aposentadoria endividado e com pouca possibilidade de realizar a preparação para aposentadoria (Lusardi et al., 2020). Assim, a menos que os governos e sistema financeiro sejam capazes de auxiliar os idosos a controlarem e manterem níveis de endividamento adequados é improvável que os mesmos consigam chegar à aposentadoria com uma situação financeira que lhe permitam aproveitar a vida. Dessa forma, a falta de bem-estar financeiro na velhice pode trazer ao idoso uma série de consequências como depressão (Su et al., 2020; Negash et al., 2021), ansiedade (Strömbäck et al., 2020), baixa autoestima (Belbase et al., 2020; Hashmi et al., 2021), aumento do número de suicídios (Adinkrah, 2020) entre outros males relacionados ao baixo nível de BEF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados desse estudo foram confirmados o impacto negativo da propensão ao endividamento na percepção de bem-estar financeiro e na preparação financeira para aposentadoria. Neste sentido, quando maior for o nível de propensão ao endividamento de um cidadão, menor será a sua percepção de bem-estar financeiro. E, quanto maior for seu nível de endividamento menor será sua preparação financeira para aposentadoria.

Ao serem comparadas as mudanças desde a crise financeira global de 2007/2008 até a pandemia global Covid-19, nota-se que muito se avançou na discussão de quais seriam os níveis adequados de endividamento e de tomada de crédito. Temas como o impacto econômico de oferta de crédito sem análise prévia, a falência de bancos, aumento do desemprego, retração do PIB, e a alocação inadequada dos recursos figuram entre as consequências de um endividamento excessivo (Borça Junior & Torres Filho, 2008; Chopra; Mehta, 2022). Entretanto, a análise atual para concessão do crédito parece ainda não ter evoluído o suficiente, já que é baseada principalmente na renda individual e o histórico de crédito do indivíduo, não sendo considerados suficientemente os gastos que o solicitante já possui para manter a sua sobrevivência (Ganbat et al., 2021), especialmente nos casos do crédito consignado, um dos principais instrumentos de crédito utilizados pelos idosos.

Assim, é imperioso que os formuladores das políticas públicas elaborem programas sociais que visem e apoiem os idosos na gestão adequada de sua renda e dívidas, podendo impactar positivamente na saúde pública como um todo, visto que estudos atuais associam o endividamento excessivo a sintomas depressivos entre os idosos (Adinkrah, 2020; Gao et al., 2022). Uma das limitações deste estudo é o fato da pesquisa ter sido realizada somente em um país. Estudos futuros poderão ampliar a amostra. Ainda, sugere-se analisar os futuros idosos considerados vulneráveis em relação aos gastos para a sua sobrevivência e de qual modo auxiliá-los e incentivá-los na preparação financeira para aposentadoria. No intuito de analisar as esferas de percepção de bem-estar financeiro, preparação financeira para aposentadoria e propensão ao endividamento, outro caminho promissor é identificar o papel da alfabetização financeira como antecedente dessas dimensões.

Portanto, para que fosse possível atingir o objetivo de pesquisa foi realizada uma revisão sistemática na literatura das escalas para mensuração dos três construtos. Entretanto, as propostas para medir a preparação para aposentadoria (PA) ainda são incipientes no que tange a dimensão financeira (Lusardi & Tufano, 2009; Bressan et al., 2013; Guptan et al., 2021). Assim, foi desenvolvida a escala de preparação financeira para a aposentadoria a qual atendeu aos vários critérios de ajustes mostrando-se promissora. Novos testes podem ser realizados com o modelo aqui proposto, com a sua validação em outros países e/ou para outros públicos.

Referências

- Abrantes-Braga, F. D. M., & Veludo-de-Oliveira, T. (2019). Development and validation of financial well-being related scales. *International Journal of Bank Marketing*, 37 (4), 1025–1040. <https://doi.org/10.1108/IJBM-03-2018-0074>
- Abrantes Braga, F. D. M. A., & Veludo de Oliveira, T. (2020). Help me, I can't afford it! Antecedents and consequence of risky indebtedness behaviour. *European Journal of Marketing*, 54(9), 2223–2244. <https://doi.org/10.1108/ejm-06-2019-0455>
- Adinkrah, M. (2020). Characteristics of elderly suicides in Ghana. *Omega*, 82(1), 3–24. <https://doi.org/10.1177/0030222818779527>
- Azma, N., Rahman, M., Adeyemi, A. A., & Rahman, M. K. (2019). Propensity toward indebtedness: evidence from Malaysia. *Review of Behavioral Finance*, 11(2), 188–200. <https://doi.org/10.1108/rbf-05-2017-0046>
- Barbabella, F., Cela, E., Socci, M., Lucantoni, D., Zannella, M., & Principi, A. (2022). Active ageing in Italy: A systematic review of national and regional policies. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(1), 600. <https://doi.org/10.3390/ijerph19010600>
- Belbase, A., & Sanzenbacher, G. (2020). Dementia, help with financial management, and well-being. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3046770>
- Borça Junior, G. R., & Torres Filho, E. T. (2008). Analisando a crise do subprime. *p.*, 129, 159. <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/8344>
- Bressan, M. A. L. C., Mafra, S. C. T., França, L. H. de F. P., Melo, M. S. de S., & Loretto, M. das D. S. de. (2013). Bem-estar na aposentadoria: o que isto significa para os servidores públicos federais? *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 16(2), 259–272. <https://doi.org/10.1590/s1809-98232013000200006>
- Brüggen, E. C., Hogreve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., & Löfgren, M. (2017). Financial well-being: A conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228–237. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.03.013>
- Byrne, D. B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming, third edition*. Routledge Member of the Taylor and Francis Group.
- CFPB, Consumer Financial Protection Bureau. (2015). *Financial well-being: The goal of financial education*. Consumer Financial Protection Bureau. <https://www.consumerfinance.gov/data-research/research-reports/financial-well-being/>
- CFSI, Center for Financial Services Innovation. (2018). *Preparing for tomorrow by fixing today - Helping Low- and Moderate-Income Americans Thrive in Retirement*. Financial Health Network. <https://finhealthnetwork.org/research/preparing-for-tomorrow-by-fixing-today/>
- Chan, M. C. H., Chung, E. K. H., & Yeung, D. Y. (2021). Attitudes toward retirement drive the effects of retirement preparation on psychological and physical well-being of Hong Kong Chinese retirees over time. *International Journal of Aging & Human Development*, 93(1), 584–600. <https://doi.org/10.1177/0091415020926843>
- Chopra, M., & Mehta, C. (2022). Is the COVID-19 pandemic more contagious for the Asian stock markets? A comparison with the Asian financial, the US subprime and the

- Eurozone debt crisis. *Journal of Asian Economics*, 79(101450), 101450.
<https://doi.org/10.1016/j.asieco.2022.101450>
- Collins, M. J., & Urban, C. (2020). Measuring financial well-being over the lifecycle. *European Journal of Finance*, 26(4–5), 341–359.
<https://doi.org/10.1080/1351847x.2019.1682631>
- Comelli, M. (2021). The impact of welfare on household debt. *Sociological Spectrum: The Official Journal of the Mid-South Sociological Association*, 41(2), 154–176.
<https://doi.org/10.1080/02732173.2021.1875088>
- Danisman, G. O., Ersan, O., & Demir, E. (2020). Economic policy uncertainty and bank credit growth: Evidence from European banks. *Journal of Multinational Financial Management*, 57–58(100653), 100653. <https://doi.org/10.1016/j.mulfin.2020.100653>
- De Bruijn, E.-J., & Antonides, G. (2020). Determinants of financial worry and rumination. *Journal Of Economic Psychology*, 76(102233), 102233.
<https://doi.org/10.1016/j.joep.2019.102233>
- De Souza, B. O., & Moretto, C. F. (2014). Entre a razão e a emoção: a tomada de crédito consignado pelos idosos. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 11(1). <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.3978>
- Drever, A. I., Odders-White, E., Kalish, C. W., Else-Quest, N. M., Hoagland, E. M., & Nelms, E. N. (2015). Foundations of financial well-being: Insights into the role of executive function, financial socialization, and experience-based learning in childhood and youth. *The Journal of Consumer Affairs*, 49(1), 13–38. <https://doi.org/10.1111/joca.12068>
- Ekerdt, D. J., Kosloski, K., & Deviney, S. (2000). The normative anticipation of retirement by older workers. *Research on Aging*, 22(1), 3–22.
<https://doi.org/10.1177/0164027500221001>
- Fan, L., Stebbins, R., & Kim, K. T. (2021). Skint: Retirement? Financial hardship and retirement planning behaviors. *Journal of Family and Economic Issues*, 1–14.
<https://doi.org/10.1007/s10834-021-09779-z>
- Flores, S. A. M., & Vieira, K. M. (2014). Propensity toward indebtedness: An analysis using behavioral factors. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 3, 1–10.
<https://doi.org/10.1016/j.jbef.2014.05.001>
- Foster, L., Tomlinson, M., & Walker, A. (2019). Older people and Social Quality – what difference does income make? *Ageing and Society*, 39(11), 2351–2376.
<https://doi.org/10.1017/s0144686x1800048x>
- Ganbat, M., Batbaatar, E., Bazarragchaa, G., Ider, T., Gantumur, E., Dashkhorol, L., Altantsatsralt, K., Nemekeh, M., Dashdondog, E., & Namsrai, O.-E. (2021). Effect of psychological factors on credit risk: A case study of the microlending service in Mongolia. *Behavioral Sciences*, 11(4), 47. <https://doi.org/10.3390/bs11040047>
- Gao, J., Hu, H., & He, H. (2022). Household indebtedness and depressive symptoms among older adults in China: The moderating role of social network and anticipated support. *Journal of Affective Disorders*, 298(Pt A), 173–181.
<https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.10.133>
- Gathergood, J. (2011). Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1873369>

- Guptan, V., Rasiah, R., Pritam Singh, H. K., Turner, J. J., Kumar, S., & Sorooshian, S. (2021). Retirement preparedness and subjective well-being: Evidence from Malaysia. *Quality - Access to Success*, 22(185). <https://doi.org/10.47750/qas/22.185.27>
- Hair, J. F., Jr, Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., Tatham, R. L., Gouvêa, M. A., & Sant'Anna, A. S. (2014). *Análise Multivariada de Dados*. Transport Bookman Publications.
- Han, J., Ko, D., & Choe, H. (2019). Classifying retirement preparation planners and doers: A multi-country study. *Sustainability*, 11(10), 2815. <https://doi.org/10.3390/su11102815>
- Hansson, I., Buratti, S., Johansson, B., & Berg, A. I. (2019). Beyond health and economy: resource interactions in retirement adjustment. *Aging & Mental Health*, 23(11), 1546–1554. <https://doi.org/10.1080/13607863.2018.1506745>
- Hashmi, F., Aftab, H., Martins, J. M., Nuno Mata, M., Qureshi, H. A., Abreu, A., & Mata, P. N. (2021). The role of self-esteem, optimism, deliberative thinking and self-control in shaping the financial behavior and financial well-being of young adults. *PloS One*, 16(9), e0256649. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256649>
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. R. (2008). Structural equation modeling: Guidelines for determining model fit. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 6(1). <http://dx.doi.org/>
- Hsieh, C. M. (2001). Correlates of financial satisfaction. *International Journal of Aging & Human Development*, 52(2), 135–153. <https://doi.org/10.2190/9YDE-46PA-MV9C-2JRB>
- Issac, T. G., Ramesh, A., Reddy, S. S., Sivakumar, P. T., Kumar, C. N., & Math, S. B. (2021). Maintenance and welfare of Parents and Senior Citizens act 2007: A critical appraisal. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 43(5 Suppl), S107–S112. <https://doi.org/10.1177/025371762111043932>
- James, B. D., Boyle, P. A., Bennett, J. S., & Bennett, D. A. (2012). The impact of health and financial literacy on decision making in community-based older adults. *Gerontology*, 58(6), 531–539. <https://doi.org/10.1159/000339094>
- Jung, E. H., & Shin, S. H. (2018). Actor and partner effects of health status, marital satisfaction and self efficacy on retirement preparation of middle aged couples: Actor-Partner Interdependence Model analysis. *Journal of Korean academy of nursing*, 48(2), 154–166. <https://doi.org/10.4040/jkan.2018.48.2.154>
- Kahneman, D., & Tversky, A. (Eds.). (1984). *Choices, Values, and Frames*. Cambridge University Press (Virtual Publishing). <https://doi.org/10.1017/cbo9780511803475>
- Kim, J.-J. (2020). A study on influence of economic preparation for later life after retirement. *Journal of Asian Finance Economics and Business*, 7(5), 279–290. <https://doi.org/10.13106/jafeb.2020.vol7.no5.279>
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling: Third edition* (3rd ed.). Guilford Publications.
- Lee, Y. D., Hassan, M. K., & Lawrence, S. (2018). Retirement preparation of men and women in their positive savings periods. *Journal of Economic Studies (Glasgow, Scotland)*, 45(3), 543–564. <https://doi.org/10.1108/jes-12-2016-0266>
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011). Implications for retirement wellbeing of financial literacy and planning. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1695146>

- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5–44. <https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>
- Lusardi, A., Mitchell, O. S., & Oggero, N. (2020). Debt and financial vulnerability on the verge of retirement. *Journal of Money, Credit, and Banking*, 52(5), 1005–1034. <https://doi.org/10.1111/jmcb.12671>
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2007). Financial literacy and retirement preparedness: Evidence and implications for financial education. *Business Economics (Cleveland, Ohio)*, 42(1), 35–44. <https://doi.org/10.2145/20070104>
- Lusardi, A., & Tufano, P. (2009). Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. *Journal of Pension Economics & Finance*, 14(4), 332–368. <https://doi.org/10.1017/s1474747215000232>
- Marques, R. M., & Euzéby, A. (2005). Um regime único de aposentadoria no Brasil: pontos para reflexão. *Nova Economia (Belo Horizonte, Brasil)*, 15(3), 11–29. <https://doi.org/10.1590/s0103-63512005000300001>
- Modigliani, F., & Ando, A. K. (1954). Tests of the life cycle hypothesis of savings: Comments and suggestions¹: Tests of the life cycle hypothesis of savings. *Bulletin of the Oxford University Institute of Economics & Statistics*, 19(2), 99–124. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0084.1957.mp19002002.x>
- Negash, S., Kartschmit, N., Mikolajczyk, R. T., Watzke, S., Matos Fialho, P. M., Pischke, C. R., Busse, H., Helmer, S. M., Stock, C., Zeeb, H., Wendt, C., Niephaus, Y., & Schmidt-Pokrzywniak, A. (2021). Worsened financial situation during the COVID-19 pandemic was associated with depressive symptomatology among university students in Germany: Results of the COVID-19 international student well-being study. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 743158. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.743158>
- Neto, A. da S. C. L., Peñaloza, F. V. L., Quezado, B. I., & Felipe, G. P. S. (2017). Atitude ao Endividamento e Comportamento de Gestão Financeira do Consumidor. *REUNA*, 22(1), 63–82. <https://doi.org/10.21714/2179-8834/2017v22n1p63-82>
- Niu, G., Zhou, Y., & Gan, H. (2020). Financial literacy and retirement preparation in China. *Pacific-Basin Finance Journal*, 59(101262), 101262. <https://doi.org/10.1016/j.pacfin.2020.101262>
- Noone, J. H., Stephens, C., & Alpass, F. M. (2009). Preretirement planning and well-being in later life: A prospective study. *Research on Aging*, 31(3), 295–317. <https://doi.org/10.1177/0164027508330718>
- Norvilitis, J. M., Merwin, M. M., Osberg, T. M., Roehling, P. V., Young, P., & Kamas, M. M. (2006). Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college Students¹. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(6), 1395–1413. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00065.x>
- OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2016). *Household accounts - Household savings forecast - OECD Data*. The OECD. <https://data.oecd.org/hha/household-savings-forecast.htm>
- ONU, Organização das Nações Unidas. (2019). *Envelhecimento*. Nações Unidas - ONU Portugal. <https://unric.org/pt/envelhecimento/>

- ONU, Organização nas Nações Unidas. (2002). *Plano de ação internacional contra o envelhecimento*. Fiocruz.Br.
http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf
- Santos, R. A. T., Rodrigues, W., & Lanza, J. I. H. (2021). Impacts of financial education on the reduction of economic vulnerability of low income elderly. *Revista Brasileira de Gestao e Desenvolvimento Regional*, 214–227.
- Strömbäck, C., Skagerlund, K., Västfjäll, D., & Tinghög, G. (2020). Subjective self-control but not objective measures of executive functions predicts financial behavior and well-being. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 27(100339), 100339.
<https://doi.org/10.1016/j.jbef.2020.100339>
- Su, D., Chen, Z., Chang, J., Gong, G., Guo, D., Tan, M., Zhang, Y., Liu, Y., Chen, X., Chen, X., & Chen, Y. (2020). Effect of social participation on the physical functioning and depression of empty-nest elderly in China: Evidence from the China Health and Retirement Longitudinal Survey (CHARLS). *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(24), 9438. <https://doi.org/10.3390/ijerph17249438>
- Suh, E. (2021). Can't save or won't save: financial resilience and discretionary retirement saving among British adults in their thirties and forties. *Ageing and Society*, 1–28.
<https://doi.org/10.1017/s0144686x21000337>
- Tambellini, E. (2021). Exploring the relationship between working history, retirement transition and women's life satisfaction. *Ageing and Society*, 1–30.
<https://doi.org/10.1017/s0144686x2100132x>
- Vitt, L. A. (2004). *Consumers' financial decisions and the psychology of values*.
<https://papers.ssrn.com/abstract=1856318>
- Xue, R., Gepp, A., O'Neill, T. J., Stern, S., & Vanstone, B. J. (2020). Financial well-being amongst elderly Australians: the role of consumption patterns and financial literacy: Accounting and Finance 00 (2019) 000-000. *Accounting and Finance*, 60(4), 4361–4386. <https://doi.org/10.1111/acfi.12545>
- Zaniboni, S., Sarchielli, G., & Fraccaroli, F. (2010). How are psychosocial factors related to retirement intentions? *International Journal of Manpower*, 31(3), 271–285.
<https://doi.org/10.1108/01437721011050576>